



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL RÁDIO/TV

MARIA VILMA DA SILVA JESUS

**A COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA DO SINTRAF SERRINHA**

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BAHIA  
2018

MARIA VILMA DA SILVA JESUS

**A COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA DO SINTRAF SERRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, Conceição do Coité.

Orientador: Professor Mestre André Santana.

Conceição do Coité – Bahia  
2018

**MARIA VILMA DA SILVA JESUS**

**A COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA DO SINTRAF SERRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, Conceição do Coité.

---

Prof. André Luís Oliveira de Santana, UNEB/Coité.

Data de Aprovação: Conceição do Coité-BA, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

André Luís Oliveira de Santana  
Orientador - Universidade do Estado da Bahia UNEB/Coité

---

Prof. Vilbégina Monteiro dos Santos. UNEB/Coité  
Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia

---

Edisvânio do Nascimento Pereira  
Mestre em Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural pela  
Universidade do Estado da Bahia.

Ao Meu Senhor Javé, a quem devo honra e glórias!

**Maria José minha mãe querida!**

José Aprígio (meu amigo de luta comunitária).

Zilda Oliveira e Neca, diretores do SINTRAF Serrinha.

Aos professores do Curso de Comunicação Social da Uneb de Conceição do Coité.

## AGRADECIMENTOS

Ao raiar de cada dia lá com meus oito anos de vida, estava eu às cinco da manhã de pé para ligar o rádio de pilha que de tão antigo, só sintonizava a modalidade AM, e logo as baterias descarregavam. Aí torcia para chegar o sábado dia de feira e quem sabe... baterias novas! Então gostar de rádio, se tornou meu hobby. Longe das regalias tecnológicas, a exemplo da televisão que só assistia quando visitava a casa dos parentes na cidade, restava como companhia da filha única, o rádio. Era a companhia dentro de casa e na roça, no entanto, pensar em um dia fazer programa de rádio, jamais, era um horizonte remoto, inatingível. Diante de tantas dificuldades financeiras, pensava eu: quero construir um caminho diferente dos meus velhos, não quero ser subalterna às relações formais e conservadoras.

E foi assim o início de uma trajetória de descobrimento, de um mundo estranho aos ouvidos, afinal, não era fácil recepcionar novos discursos, novas opiniões contrárias à minha formação familiar. Encontros e formações de gênero, oferecidos pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC) entre 2000/2003 foram às primeiras janelas que contribuíram para novos conhecimentos e percepções nas relações cotidianas.

Em 2003, surge a oportunidade de conhecer uma nova experiência, através da indicação do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha para compor o “Projeto Jovens Comunicadores”, idealizado pelo MOC. Viajar, conhecer novas pessoas e experiências a exemplo da visita a Rede CIPÓ, a Rádio e redação do jornal A TARDE de Salvador, a entrevista a TV Subaé, são detalhes tão pequenos, mas especiais para alguém que ousou a sair do casulo, da barra da saia da mãe. Ousou a passar num vestibular e enfrentar os desafios de chegar à conclusão de uma graduação. Quantas vitórias, para quem enxergou à luz de candeeiro, fez artesanato de palha e bebeu água de fonte (córrego). Mulher, negra e pobre, mas vencedora! Não refuto minha origem, minha fé! Eu creio num só Deus e creio também no mistério que o envolve. Rendo graças e agradeço eternamente,

Maria Vilma da Silva Jesus.

Faz. Boa Vista III – Serrinha – Bahia, Brasil - 2018.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o consumo de notícias através dos ouvintes do Programa A Voz do Homem do Campo do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha (SINTRAF), por meio de pesquisa qualitativa realizada na comunidade de Dois Irmãos, observando a relação que estes possuem com o programa e como essa produção de sentidos interfere em suas atividades do dia a dia. A verificação foi realizada através de questionários com 10 (dez) agricultores, sócios e não sócios da entidade. O questionário possui 5 (cinco) questões e delimita-se a comunidade de Dois Irmãos, sediada a 12 quilômetros da sede do município. Neste aspecto, abordaremos brevemente as discussões relacionadas à comunicação na contemporaneidade e como elas interagem na área rural.

**Palavras-chave:** Audiência. Comunicação Radiofônica. Programa A Voz do Homem do Campo.

## **ABSTRACT**

The present work aims to understand the consumption of news through the listeners of the Voice of Man Program of the Workers' Union in the Family Agriculture of Serrinha (SINTRAF), through a qualitative research carried out in the community of Dois Irmãos, observing the relationship that these have with the program and how this production of senses interfere in their daily activities. The verification was carried out through questionnaires with 10 (ten) farmers, partners and non-members of the entity. The questionnaire has 5 (five) questions and delimits the community of Dois Irmãos, located 12 kilometers from the headquarters of the municipality. In this regard, we will briefly discuss the discussions related to communication in the contemporary world and how they interact in the rural area.

**Keywords:** Audience. Radio Communication. Program The Voice of the Man of the Field.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 CAPITULO I – AUDIÊNCIA E RECEPÇÃO RADIOFÔNICA</b>	
2.1 O CAMPO DA COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE .....	9
2.2 A RELAÇÃO ENTRE O RÁDIO E COMUNIDADE RURAL NA CONTEMPORANEIDADE .....	11
2.3 A COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	13
2.4 AUDIÊNCIA E RECEPÇÃO .....	16
<b>3 CAPITULO II - O STR/SINTRAF DE SERRINHA</b>	
3.1 A ORGANIZAÇÃO SINDICAL DO SINTRAF.....	19
3.2 O PROGRAMA A VOZ DO HOMEM DO CAMPO.....	21
3.3 A RÁDIO DIFUSORA/RÁDIO CONTINENTAL.....	25
<b>4 CAPITULO III – A PESQUISA SOBRE O PROGRAMA RADIOFÔNICO DO SINTRAF</b>	
4.1 A PESQUISA DE AUDIÊNCIA.....	27
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha (SINTRAF) faz da comunicação radiofônica uma ferramenta para disseminar as informações políticas defendidas para a categoria. Neste aspecto, o enfoque da comunicação perpassa pela defesa dos planos e metas idealizadas no planejamento estratégico anual da entidade. A orientação para a organização sindical dos agricultores, às questões relacionadas à previdência para os rurais e a sustentabilidade financeira da entidade são alguns dos vieses que mais direcionam as pautas do Programa A Voz do Homem do Campo ao qual falaremos no decorrer deste trabalho.

Ao observar a produção dos conteúdos veiculados no programa do Sindicato, verifica-se que às informações perpassam por alguns critérios para divulgação a exemplo de: identificação, importância, interesse, consequência e público direcionado. A partir da aprovação que reúne esses critérios é oportunizada a interação e a troca de informações entre os apresentadores e ouvintes, seja ao vivo, por telefone ou por outros recursos de comunicação.

No programa A Voz do Homem do Campo a participação do ouvinte é destacada principalmente quando são realizados sorteio de brindes, favorecendo neste aspecto a interação ao vivo com os apresentadores. Todavia, a particularidade dessa participação por telefone nestes dias e a verbalização de vários agricultores ao afirmar que escutam o programa, nos instigou a compreender se essas ponderações podem ser consideradas características de uma recepção que espera ser compensada ou por considerar que os conteúdos veiculados geram produção de sentidos. Portanto, aqui pretendemos analisar as conotações que segue como:

Objetivo geral: compreender como os conteúdos veiculados no programa colaboram no processo de construção de sentidos dos ouvintes. E como objetivo específico, identificar como esses sentidos são manifestados pelos ouvintes através da recepção.

Compreendendo que a escuta se estende de forma pulverizada nas comunidades rurais do município de Serrinha, trataremos como recorte a comunidade de Dois Irmãos localizada a 11 (onze) quilômetros da sede do município.

No primeiro capítulo será abordada sobre o campo da comunicação na atualidade, destacando-se a adaptação do rádio, às influências tecnológicas, o ciberespaço e como as

plataformas de comunicação na contemporaneidade corroboram para as intensas relações sociais e as proposições da comunicação popular e alternativa conforme as contribuições de Bordenave (1997).

O segundo Capítulo discorrerá acerca da entidade sindical, estrutura e elaboração do programa a Voz do Homem do Campo, descrição do funcionamento, formato, conteúdos e dados da emissora que veicula o programa.

O terceiro capítulo trará o resultado da entrevista realizada com os ouvintes da comunidade Dois Irmãos, paralelo à análise dos dados coletados, seguidos das considerações relevantes à discussão da temática pretendida. Para análise das entrevistas no contexto da Audiência e Recepção, usaremos a contribuição dos estudos atribuídos à Escola Latino-Americana como ênfase às considerações do estudo de Martín Barbero que caracteriza os fenômenos comunicativos como um espaço de produção responsável por ressignificar às práticas sociais, com base nas relações culturais “que se realizam através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social” (Martín Barbero, 1997). O propósito deste trabalho é originar elementos que possam contribuir positivamente para a reorganização dos processos de comunicação radiofônica do SINTRAF Serrinha. Afins desses resultados, trilharemos as mediações emergentes no campo da comunicação a partir das novas adaptações tecnológicas.

## 2. CAPITULO I – AUDIÊNCIA E RECEPÇÃO RADIOFÔNICA

### 2.1 O CAMPO DA COMUNICAÇÃO NA ATUALIDADE

Compreende-se a comunicação como é um processo de troca de informações entre quem fala (emissor) e quem escuta (receptor). Por conseguinte a comunicação vai além do ouvir e ser ouvido, é também compreender as interpretações submergidas em cada mensagem transmitida. Conforme Bordenave (1997) o ato de comunicar está dimensionado a várias situações cotidianas, desde a primeira ação comunicativa pelo amanhecer ao abrir as pálpebras dos olhos e reconhecer o clarão do novo dia. Portanto, comer, vestir, andar, dentre tantas ações que executamos são atos de comunicação do dia a dia, e, por vezes são despercebidos pela disposição de tantas outras formas que são atualizadas diariamente. Essas mesmas atualizações, podem ser consideradas como relações de comunicação contemporâneas, que disseminam em velocidade crescente, com as adaptações tecnológicas que são atualizadas cotidianamente.

Segundo Santaella (2001, p.22), pode-se apontar uma definição geral sobre o que é comunicação, que assim se expressa na visão da autora como: a transmissão de qualquer influência da parte de um sistema vivo ou maquinal para outra parte, de modo a produzir transformações. O que é transmitido para produzir influência são mensagens, de modo que a comunicação está basicamente na capacidade de gerar, produzir sentidos e consumir mensagens.

Neste aspecto da reprodução acelerada das mensagens estão atribuídos os avanços da Internet que permitiu a concepção das novas formas de comunicação e a possibilidade de interação social entre os indivíduos. Contudo, na comunidade rural de Dois Irmãos é observado que a Internet ainda não é utilizada para administrar às relações de organização comunitária, predominando as relações radiofônicas, visto que grande parte dos moradores ver o rádio como um espaço democrático e com credibilidade para o compartilhamento de informações que são do interesse comum.

A partir da internet, observa (Moraes 2001), há a prerrogativa de participação dos receptores, inclusive em coletividades desterritorializadas, possuindo caráter interativo e multipolar. Nisto, rememoramos os primórdios do rádio nas comunidades rurais que se tornou ponte de estreitamento para troca de mensagens, em especial entre às pessoas nordestinas,

migrantes para as grandes cidades que utilizavam o rádio para trocar notícias entre parentes de suas cidades. Com o advento da Internet o rádio e seus conteúdos foram reconduzidos para um campo maior de acessibilidade pelos novos aparelhos tecnológicos. Portanto, podemos considerar que o rádio sempre foi um instrumento de comunicação que reúne um conjunto de informações e opiniões que se movimenta a partir da codificação das mensagens e pode criar um emissor (resposta) o que constitui no feedback entre quem emite e quem recebe.

Na contemporaneidade a comunicação radiofônica municiada de várias ferramentas tecnológicas, não dá origem a empecilhos de contingências geográficas, pois viabiliza a sociabilidade entre lugares remotos ou anexos, o que corresponde a uma fonte importante de apoio e interação social nos processos organizacionais, econômicos e comunitários, seja este rural ou urbano, ultrapassando neste aspecto, os moldes artesanais da comunicação. (SANTAELLA, 2007), contextualiza que: o foco das atenções à internet trouxe o desaparecimento progressivo dos obstáculos materiais que bloqueavam as trocas de informação, provocando uma transmutação da nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver e de se relacionar.

Essa nova caracterização dada às relações sociais através das redes e mídias, favoreceu os atos de integração às novas tecnologias no setor econômico e comercial a partir da adesão às plataformas digitais, pois funcionam como facilitadores de relacionamento, aproximando empresas e consumidores. É sensato, afirmar que essa convergência tecnológica, prepondera à liberdade de acesso e consumo dos usuários, pois estes podem aderir ou não as proposições comerciais expostas nestes meios.

Contudo, esses mesmos instrumentos de comunicação que intensificam o estreitamento das relações sociais, também possibilitam as múltiplas faces de reprodução própria. “As marcas de auto representação” que variam nos “casos mais ambíguos de pessoas que constroem identidades alternativas, como se fossem criaturas reais” “ (JAGUARIBE, 1999, p. 29) ”. O que nos leva a refletir sobre a fragilidade de vários meios de comunicação, facilitadores da construção de novas identidades a exemplo dos fakes.

Outra vertente, que permite observar a expansão da comunicação, é o advento da Web (sistema interligado a rede de computadores), que reúne os conglomerados de usuários ao mesmo tempo e interligam as distâncias. São espaços considerados de novas práticas assumidas pelos usuários digitais que interagem na perspectiva de seus interesses, sejam eles comerciais ou não.

Portanto, as formas de comunicação adquire continuamente autonomia e prosseguem customizando novas relações sociais sejam elas radiofônicas ou por outros meios, positivas ou negativas, mas favorecendo a elaboração de novos sentidos e o suporte para a distribuição de bens e serviços produzidos da sociedade para a sociedade.

## 2.2 A RELAÇÃO ENTRE O RÁDIO E COMUNIDADE RURAL NA CONTEMPORANEIDADE

No Brasil, a primeira experiência radiofônica ocorreu em 1922, porém, somente em 1923 foi instalada a primeira emissora a exemplo da Rádio Sociedade: do Rio de Janeiro em 1923; de São Paulo em 1924; ou Rádio Clube: Pernambuco, Paraná, São Paulo, sendo estas de 1924. Eram emissoras financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubes que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. O rádio a princípio tinha sua programação voltada para as pessoas de classe alta e teve um desenvolvimento lento até quando foram permitidas propagandas comerciais que levaram à organização de empresas para disputar o mercado.

Ao pronunciarmos o termo rádio é comum pensarmos no aparelho, seja ele de pilha ou a energia. Na área rural o equipamento não era apenas um bem material situado na prateleira da casa, esperando o café do fogão a lenha, mas um recurso que reunia os membros das famílias ao amanhecer para ouvir as transmissões de cunho informativo e governamental do país ou às tardezinhos para escutar um programa religioso. “Essa prática era, em certa medida, gerada pelo aparelho de válvula, fixo e pesado que não girava em torno da vida cotidiana da audiência, mas fazia com que a vida do ouvinte girasse em torno do aparelho” (KOCHHANN et al., 2011, p.265), o que o caracterizava uma produção radiofônica massiva. Já são aproximadamente cem anos, de transformações e inovações que delimitam as particularidades transformistas da comunicação radiofônica.

A partir das primárias considerações do rádio como elemento característico de “união de pessoas” é importante destacar que o rádio em sua particularidade, detém à ação interativa que promove a integração cultural desde suas primeiras veiculações, ao que foram se ajustando a partir da adesão dos novos modelos tecnológicos. Nos tempos contemporâneos o rádio continua a alimentar o sentimento de companhia que consiste na compreensão do (receptor) de que o emissor (locutor) dirige a mensagem no campo individual: “você que está

aí do outro lado”. Nisso consiste, sua popularidade mesmo diante da evolução tecnológica e do surgimento de novos meios de comunicação.

Para a área rural a atuação radiofônica sugere particularizar duas dimensões: A comunicação *para* o campo rural e a comunicação *no* campo rural, considerando que em seus estudos, Freire (2006) descreve: nas décadas de 1960 e 1970 os primeiros atos direcionados para a comunicação rural era modelado de forma persuasiva para implantar novas tecnologias mecânicas e insumos agrícolas, todos atribuídos aos interesses de comercialização de linhas de crédito, sem analisar a cultura e a experiências dos camponeses. Segundo Lopez (2010), essa segunda década dá início à permissão do ouvinte passar a interagir com o rádio de forma síncrona com muito mais frequência. Segundo a autora, “essa potencialização da presença do ouvinte se deu devido à popularização do telefone” (LOPEZ, 2010, p. 40). Num primeiro momento, a interatividade se dava através do telefone fixo e, anos mais tarde, através do uso do telefone celular e seus novos recursos.

Os nortes da comunicação *no* campo perpassam por mudanças significativas aos longos dos anos. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) evidencia a construção de um campo que compreende novas dimensões para caracterizar a comunicação rural.

A efetivação das interações mediadas pelo virtual fez com que fossem criadas e ampliadas novas formas de relações sociais e pessoais com base na proximidade de interesse e identidades a partir da emergência e consolidação das novas tecnologias de comunicação e informação (PERUZZO, 2004, p. 32).

Ainda são remotos os estudos que discutem a comunicação contemporânea na comunidade rural. Entretanto, sabe-se que a escuta radiofônica não se restringe mais as frequências AM e FM no rádio (aparelho) de pilha que inspirava o café do fogão de lenha. A maioria das comunidades rurais na atualidade já está municiada pela internet, através das redes de *Wi-fi*, obtidos pelo aluguel de antenas. Portanto, a transmissão radiofônica neste período, encontra novas alternativas de sintonia como lembra Martin-Barbero (2003, p. 32):

O mundo atual é constituído por “redes e fluxos”. Se, por um lado, o fenômeno da aldeia global e sua permanente interconexão enfraquecem as fronteiras nacionais, por outro, promove pontos de contato e interações globais que, à sua vez, terminam por ativar capacidades locais.

Por esse viés, a internet modificou o conceito de rádio em quanto aparelho físico, permitindo um novo processo de adequação a partir do espaço de transmissão via web que

franqueou novas formas de interação com o público a partir das ferramentas que unem os conteúdos de áudio, textos, imagens, vídeos, gráficos e hipertextos.

Dessa forma, expande-se o ingresso do rádio no espaço online e a incorporação das novas tecnologias da informação que aproximam a relação entre o rádio e a comunidade rural, o que permite a formação de novos espaços de interação, como assinala Martín-Barbero (2003, p. 59). As redes não constituem unicamente o espaço no qual circulam o capital, mas também “um lugar de encontro de multidões de minorias e comunidades marginalizadas ou de coletividades”. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais, destaca (CASTELLS, 1999, p. 57).

Renato Ortiz (2000) pontua que: sendo assim, a percepção daquilo que é local pode ser entendida além das demarcações geográficas, como referência e espaços possíveis do estabelecimento de novos elementos de proximidade e familiaridade, os quais podem ocorrer a partir de relacionamentos (políticos, econômicos, vizinhança, entre outros) laços de identidade. Neste contexto, estabelecem-se, novas possibilidades de comunicação que facilitam as ações de: compartilhar, mobilizar e reunir estratégias de interesses comuns. Neste ato, lembra-se a sociabilidade das mensagens textuais expandidas pelos modernos aplicativos digitais, usados para deslocamento das informações, sendo elas filtradas ou não.

### 2.3 A COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A partir das primárias considerações do rádio como elemento característico de “união de pessoas” é importante destacar que o rádio em sua particularidade detém à ação interativa e promotiva da integração cultural desde suas primeiras veiculações. Contudo, essa mesma interação não é responsável pela representatividade dos interesses comuns da comunidade. Daí, a importância dos novos espaços alternativos de comunicação (comunitária) e suas emissoras que vem propor a “liberdade de expressão das classes em minoria”, defendida a partir dos movimentos sociais.

Movimentos sociais populares são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e se organizam dentro dos movimentos sociais. (PERUZZO, 2013, p. 138).

A formação das rádios comunitárias rememora uma contestação rígida dos movimentos sociais que representavam os (in) subordinados desde o regime militar. Era a

disputa de ocupação nos espaços midiáticos para sobressair à expressão livre, cultural e democrática da comunidade renegada nas rádios comerciais. Neste contexto, é importante reafirmar que as emissoras comunitárias surgiram de um manifesto organizacional e popular, fundamentado na resistência dos movimentos sociais que discutiam um novo modelo de comunicação, gestado e apropriado de pautas elaboradas pelos próprios movimentos e organizações. Peruzzo (1998, p. 42) descreve que a comunicação comunitária caracteriza-se pelo método da serventia, a “ser útil na apresentação dos conteúdos da comunidade”, e, contribuir na formação de política de pessoas a partir da participação e gestão programática do veículo.

Estratégia também política está dentro da conjuntura brasileira de movimento pela democratização da comunicação, que na década de 90 esteve relacionado às dinâmicas de legalização das rádios comunitárias. É nesse período que também proliferam as experiências com rádios comunitárias no Território do Sisal. (SANTOS, 2011, p 73).

Os debates sobre Comunicação Comunitária no Território do Sisal ganham forças por volta de 1996 com a implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Em 1998 criam-se todas as Rádios Comunitárias do Território que se organizam a partir de oficinas e debates promovidos pelo MOC com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), afirma (NASCIMENTO, 2012). Neste período, vivenciava-se o apogeu dos desejos transformistas, contudo, buscava a emancipação administrativa de uma nova gestão de governo, por vez, o governo de esquerda.

Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária, (Peruzzo 2004), propõe uma avaliação dos conceitos a princípio apropriados para caracterizar a expressão das lutas populares que ocorreram a partir dos movimentos defensores da participação democrática do “povo” como enfatiza Wanderley (1979, p.64), que emanaram um conteúdo crítico-emancipador. Segundo a autora, há novos formatos de interesses midiático, econômico e político-ideológico, portanto há uma variação que recoloca a comunicação comunitária defendida para os interesses dos subalternos para uma nova reflexão.

Para essa compreensão, Wanderley destaca que os efeitos da pressão social provocou um avanço na democratização dos meios de comunicação, o que pode ser identificado no aumento do número de emissoras de rádio e canais de televisão. Contudo, neste entre campo, são observadas algumas fragilidades políticas e financeiras da comunidade para a manutenção das disposições desses meios, e, nesta observação, requer afirmar que os movimentos sociais

responsáveis pelos primeiros debates sobre a importância da comunicação comunitária, necessitam retomar os debates dentro dos seus campos políticos e com a comunidade para reafirmação dessa responsabilidade.

Neste contexto, o caráter mais combativo das comunicações populares – no sentido político-ideológico, de contestação e projeto de sociedade – foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais (no nível do tratamento da informação, abertura à negociação) e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura, o que não significa dizer que a combatividade tenha desaparecido. (PERUZZO, 2013, p. 47).

No Território do Sisal, a participação da comunidade na gestão das emissoras comunitárias ainda é delicada, pois não dá suporte econômico e financeiro suficiente para manter uma estrutura administrativa desses meios. Não há mais o mesmo vigor na pauta de debates por parte da maioria dos movimentos sociais, o que pode estar condicionado às dificuldades já mencionadas. Nisto, implica os vícios das relações partidárias, o monopólio da comunicação e a apropriação das outorgas na administração de partidos políticos, igrejas, setor empresarial e outros.

Atualmente Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço Brasil) defende a regulamentação do funcionamento das rádios comunitárias entre elas a cobrança de direitos autorais pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) e a possibilidade de publicidade paga, ABRAÇO (2018).

Em uma de suas falas sobre o processo que regulamenta o funcionamento das Rádios Comunitárias Edisvânio do Nascimento Pereira<sup>1</sup>, pontua que o Projeto de Lei do Senado (PSL) 513/2017 que defende o aumento da potência de transmissão para rádios comunitária já foi aprovado no senado e segue para a Câmara dos Deputados. A proposição de aumento era de 25W para 300 destaca, sendo aprovado no Sendo 150W. Os demais projetos ainda em tramitação são: PSL 410/2017 que propõe dispensar o pagamento dos direitos autorais das músicas tocadas, o PSL 55/2016 que seguiu para votação final na Comissão de Ciências, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CTT) que acrescenta o Artigo à Lei 9.612/1998 para permitir o custeio da operação das rádios através da venda publicitária, já aprovada na Comissão. Na Bahia existe o Plano de Lei (PL) nº 22.453/2017 em tramitação na Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) que pretende instituir à Política Estadual

---

<sup>1</sup>Mestre em Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3347738018239578>. Endereço eletrônico edisvanionascimento@yahoo.com.br

de incentivo as Rádios Comunitárias do Estado. Podendo destinar no mínimo 10% (dez por cento) das despesas de publicidade para as emissoras comunitárias. Destaca-se que “a Lei 9612/98 (que institui o serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências) surgiu pela pressão do movimento social para tirar as Rádios Comunitárias da ilegalidade, da clandestinidade, mas também é fruto da pressão do setor empresarial para impedir disputa de narrativas na sociedade, por isso a restrição a 1 (um) km de alcance”, destaca Renata Mielli -Coordenação Geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC).

Em resumo, Peruzzo (2012), pontua que a contra comunicação era: defender a exposição dos projetos de interesses comuns dos movimentos sociais. Atualmente se aparecia às explosivas experiências comunicacionais, incluindo as do tipo popular tradicional (hoje mais conhecidas como comunitárias baseadas em premissas de cunho coletivo) dos quais com propósitos similares àqueles antes encabeçados por movimentos populares.

#### 2.4 AUDIÊNCIA E RECEPÇÃO RADIOFÔNICA

Em uma dimensão simplificada, podemos definir a Audiência como um conjunto elementar que reúne a atenção de indivíduos para um mesmo sistema de mensagens midiáticas transmitidas em redes, sejam elas, através de rádio, impressos, tv's, internet ou outros. Já a recepção, segunda tradição latino-americana, caracteriza-se por um espaço político e democrático com autonomia para ouvir e apresentar as opiniões e expressões culturais da comunidade receptiva.

Às pesquisas iniciais de Audiência no Brasil na década de 50 validam a apreciação sobre o caráter comercial, embora ainda nem sequer fosse utilizada a denominação comunicação, somente incorporada a partir do final dos anos 1960 (Rudiger, 2002). Neste aspecto, sobressaíram os interesses mercadológicos que investigaram o consumidor a partir do seu poder de aquisição, suas práticas e hábitos de consumo, (Escosteguy, 1993). Neste período, os emissores das mensagens eram concebidos como àqueles que controlavam e moldavam a opinião pública. Jacks; Escosteguy (2007, p. 111).

O conceito acadêmico direciona a “pesquisa de audiência” para um campo a tratar das investigações dando fundamento à esfera da recepção e entendida como um caminho de investigação que avalia: leitor e ouvinte no exercício cotidiano das práticas de recepção.

A partir dos anos de 1980, na Universidade de Birmingham os estudos acerca da recepção procuram entender o lugar do receptor no processo comunicativo. Contrapondo a concepção dos primeiros estudos latino-americanos representados Edward Thompson, Richard Hoggart e Raymond Williams e posteriormente, Stuart Hall, pioneiros nesse campo de estudos. Os autores destacam a necessidade de reavaliar as relações entre cultura, história e sociedade, com ênfase para a cultura popular que parte da influência gramsciana. Esse mesmo período torna-se conhecido pela redemocratização social que se ascende a partir da resistência dos movimentos sociais latino-americanos, “que passa a mobilizar-se contra a repressão e a discriminação social”.

A contraposição aos primeiros estudos acerca da recepção, é destacado pelo espanhol (Martín-Barbero 2003) que traz uma nova concepção a respeito da transfiguração cultural ao afirmar que “as mediações são os lugares entre a produção e a recepção, e, pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza”. Martín-Barbero (2003, p. 233). Segundo Barbero (1995, p. 55 apud RIBEIRO, 2005, p.17) “temos que estudar não o que os meios fazem com as pessoas, mas o que elas fazem com os meios, qual leitura destes sobre eles”. Sendo assim, o autor aponta que os estudos de recepção devem se dá a partir da avaliação do deslocamento que acontece entre à produção de um conteúdo e a recepção deste. Nisso, consiste às mediações, que são as causas dos múltiplos e diferentes processos de significação gerados pelo receptor.

Para Martin Barbero o campo da mediação concretiza-se em três dimensões que altera a maneira como os receptores recebem os conteúdos midiáticos: na cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural, não são apenas a relação entre receptor e mensagem, mas as relações dos mesmos com a sociedade ou outros atores sociais (Martín-Barbero 2003). Portanto, o processo de mediação segundo o autor é responsável pela construção da percepção de toda a realidade social, o que possibilita a formação de uma nova identidade cultural a partir da localização e recepção de cada indivíduo na sociedade, se referem às apropriações, recodificações e ressignificações particulares de cada receptor.

Fíguro (1999), a partir do estudo de recepção, igualmente afirma que é necessário “entender melhor o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea,

como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades culturais para que não haja adesão ao receptor passivo ou emissor neutro”.

Neste contexto, (Orozco 2011) e Lopes (2011), clássicos pesquisadores da recepção, apontam “o imperativo de se pensar à pesquisa de audiência com as especificidades do contexto atual, com ênfase na audiência radiofônica que se dissemina para além do aparelho de rádio, podendo ser acessado também nos aparelhos digitais”. Orozco (2011, p. 377), ao indagar se “está acabando o tempo da recepção de meios” e o modo de investigar seus processos de audiências, destaca: “o que mudou segue se transformando nos processos de recepção, isso é a localização das audiências. ”. No capítulo a seguir abordaremos a pesquisa exploratória que objetivará conhecer o caminhar das mediações percorrido até o ninho da audiência.

### 3 CAPITULO II - A ORGANIZAÇÃO SINDICAL

#### 3.1 O STR/SINTRAF SERRINHA

O sindicalismo no Brasil surge em 1858 no Rio de Janeiro com a sociedade de auxílio mútuo. Estas sociedades acolhiam pessoas que estivessem passando por necessidades. Em 1906, ocorre o primeiro congresso dos trabalhadores que criam a Confederação Operária Brasileira. Segundo (Ribeiro 2008), o objetivo do encontro era de democratizar o movimento sindical e fazer da entidade sindical um órgão que representasse de verdade a classe trabalhadora. O congresso foi um enfrentamento à política desvirtuada de alguns líderes

Contudo, organização do trabalho no campo começa a partir da década de 40, quando são registrados os primeiros conflitos e disputas para a organização dos trabalhadores. Os “debates aspiravam à regulamentação sindical amparados na estratégia de organização dos produtores autônomos” (MEDEIROS, 1990:2). Entre as décadas de 50 a 60, e a partir das primeiras ações de enfrentamento ao Estado delibera a institucionalização da sindicalização rural, sendo que "até 1960 não existiam mais do que oito sindicatos rurais reconhecidos, dentre estes, três nos Estado de Pernambuco e Bahia e um no Rio de Janeiro e Santa Catarina" (MEDEIROS apud FUCHTNER, 1985:3).

Para contextualizarmos sobre as primeiras estratégias de que nortearam a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serrinha (STR), foi entrevistada a Senhora Maria Zilda Oliveira Ferreira, atual presidente do Sindicato que destaca o seguinte: O STR foi fundado no dia 07 de janeiro de 1968 com auxílio do Padre Demócrito Mendes de Barro. Em 1973 no período da Ditadura Militar, com apoio da Pastoral Rural da Bahia, um grupo de agricultores contrários ao modelo de organização do Sindicato, articulou os primeiros encontros às escondidas para dá início ao processo de enfretamento à atual gestão que oferecia uma política de assistencialismo, mas não defendia políticas públicas de inclusão dos agricultores, nem atendia a politica de organização de base, afirma Maria Zilda justificando o começo da disputa.

“Andávamos a pé de uma comunidade para outra, pois nenhum de nós tinha transporte, alguns tinham um jumentinho, mas outros nem isso (...). Muitas vezes dormíamos na casa do companheiro, para voltar no outro dia. A reunião era sempre num canto da roça debaixo de uma árvore para que ninguém percebesse, afinal estávamos na era da ditadura militar, e quem fosse pego em reunião, iria preso, era sinônimo de mobilização contraria aos gerais”.

Em 1987, ano em que a Assembleia Nacional Constituinte discutia a aprovação da Constituição do Brasil, perdurava as opiniões contrárias à gestão, fortalecia-se a discussão de filiação das mulheres no Sindicato, antes permitido só para homens.

O primeiro passo do grupo para enfrentamento da Diretoria do STR foi à mobilização que articulou aproximadamente 1.500 (mil e quinhentas) pessoas, sendo a maioria mulheres para reivindicar a filiação. Só a partir daí filiou-se a primeira mulher, e, em seguida trezentas outras. Em maio de 1988, ano da eleição para a escolha da nova direção do sindicato, o então grupo organizado, encabeçou a chapa 2 (dois). Nessa mesma data o padre fundador do STR, percebendo a derrota, juntou-se a Polícia Civil para fraudar as urnas eleitorais. Houve então grande correria e no final as urnas não sofreram alterações como pretendia fazer os componentes da chapa 1 (um). Com 289 votos a chapa 2 venceu e tomou posse da nova direção no mesmo ano. Estes são relatos trazidos pela senhora Maria Zilda uma das lideranças que participou de todas as etapas para tomada do Sindicato. Após essa data nenhum componente da chapa 1 retornou à diretoria do STR.

Após alguns anos de gestão, especificamente em 30 de novembro de 2005, aprovada às novas alterações estatutárias o então STR passou a chamar-se Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF) para adequação a nomenclatura da nova Federação filiada, Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF-BA). Neste período, os fatos históricos do Sindicato não tiveram registros impressos ou audiovisuais, apenas algumas fotografias fazem parte da memória de luta.

Atualmente a entidade possui 28.150 (vinte e oito mil e cento e cinquenta) sindicalizados, porém menos de 10 (dez) mil estão com as contribuições atualizadas. Um dos marcos da entidade é verificado na participação efetiva de reuniões de base, entre elas, para colaborar na fundação e organização de associações comunitárias rurais e para ressaltar a importância da organização sindical e suas políticas de atuação. Em 2015 a entidade estabeleceu como meta particular o incentivo à produção orgânica de alimentos a partir da contratação de um técnico específico para atender às demandas agropecuárias na propriedade do sindicalizado.

A entidade não mantém convênio com órgãos governamentais, sua sustentabilidade financeira se dá através da arrecadação das mensalidades dos seus sindicalizados. Entre algumas formas de valorizar a produção do campo, destaca-se a realização da Feira da Agricultura Familiar Comunitária desde o ano 2015, que acontece sempre em umas das comunidades de base. O objetivo neste contexto é assegurar à apresentação e a

comercialização dos produtos da agricultura familiar como devolutiva dos sindicalizados atendidos pela assistência técnica da entidade e a troca de saberes entre próprios os agricultores e consumidores da produção.

### 3.2 O PROGRAMA A VOZ DO HOMEM DO CAMPO

Por ser o rádio ainda o meio de comunicação mais utilizado pela população da área rural, e, considerando que seus conteúdos informativos podem proporcionar a formação de um ambiente para investigação, propõe-se nos capítulos a seguir, utilizar o programa A Voz do Homem do Campo do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha, por meio dos estudos latino-americanos, como objeto para compreender a recepção radiofônica dos agricultores da comunidade de Dois Irmãos. Para contextualizar a história narrativa do programa, continuarão sendo discorridas as falas da diretora Maria Zilda mentora do instrumento radiofônico em discussão.

O programa A Voz do Homem do Campo foi instituído através da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha no mês de abril do ano de 1996. Neste período, existia apenas um mural de recados cuja alimentação era realizada semanalmente ou quando houvesse necessidade de socializar com o público sobre editais de assembleias e reuniões.

A criação do programa A Voz do Homem do Campo foi motivada a partir da necessidade de transmitir às informações políticas do SINTRAF para as comunidades rurais mais distantes da sede do município com o objetivo de promover uma maior interação com o público rural sindicalizado que não tinha acesso direto com o Sindicato. O público ao qual é direcionado o programa é particularizado pela representação sindical, seja para os agricultores de origem rural, seja migrante para a cidade, seja morador do campo.

A justificativa para criação do programa apontada pela entrevistada e autora do programa Maria Zilda, foi à necessidade de disseminar as políticas do Sindicato para às comunidades rurais de base da entidade.

Em sua fala, Maria Zilda atual presidente do SINTRAF, destaca que na época era secretária geral da entidade e trouxe como proposta à criação de um programa radiofônico que pudesse colaborar na disseminação das informações políticas do Sindicato e de outras pautas de interesse dos sindicalizados, em especial para os agricultores que possuíam menos acesso a sede do município. A mesma destaca também que a proposição para elaboração do programa,

surgiu por reconhecer o rádio como um veículo acessível em especial para os moradores do campo como afirma Pimentel (1999) ao destacar que o rádio tem a finalidade educativa, assim como Ferrareto (apud TAVARES, 1997) que compara o rádio a um jornal para quem não sabe ler e um mestre para quem não pode ir à escola, um divertimento, um guia informativo onipresente a partir da sintonia de indivíduos.

Ao observar a comparação do autor em avaliar que o Rádio é um Jornal para quem não sabe ler, é interessante refletir o direcionamento do programa a Voz do Homem do Campo, considerando que parte desse público possui um baixo nível de escolaridade. Maria Zilda destaca que ao criar o programa, não foram analisados termos ou códigos intelectuais para o uso da linguagem, “mas compreendia que mesmo sendo um programa para o público rural, era necessário transmitir as mensagens com uma linguagem compreensível sem usar os dialetos camponeses, afinal, o programa não se limitava ao alcance da categoria dos trabalhadores rurais, mas também à cidade e a outras pessoas que mesmo morando na zona rural, mas não exerce a profissão de rural”.

Após a aprovação da proposta pela diretoria do Sindicato para criação do espaço radiofônico, procedeu à definição do nome do programa “A Voz do Homem do Campo” sem nenhum tipo de discussão sobre a relação de gênero. A entrevistada pontua ainda, que por intermédio de alguns diretores parceiros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Valente, procurou a direção da rádio Sisal AM de Conceição do Coité, para propor à aquisição de um horário de veiculação. Eram meados dos anos de 1996, quando a direção da Rádio Sisal aceitou o pedido para a apresentação no horário das 18:30 (dezoito horas e trinta) minutos, afirma Maria Zilda.

Inicialmente os apresentadores âncoras, eram os dois diretores executivos Manoel Oliveira Costa na época presidente do Sindicato e Maria Zilda, por serem da diretoria executiva e responsável pela maioria dos debates da entidade nos espaços de representação.

Às edições por vários anos foram gravadas e muitas vezes eram editadas pelo operador de áudio da Rádio Sisal. “Às vezes gravávamos, pela pouca experiência ou nada em rádio, tínhamos medo dos erros de dicção e outros”, aponta Zilda. Em 04 de abril de 2005 a partir da nova roupagem da antiga Rádio Difusora, hoje Rádio Continental a direção do Sindicato propôs ao diretor da emissora Manoelito Carneiro da Silva à aquisição de 30 minutos de programa, tão logo conduzido para 1 hora. A veiculação acontece todas às segundas feiras de 11:00 às 12:00 horas.

A partir dessa data o programa A Voz do Homem do Campo passou a ser apresentado ao vivo com a participação de Maria Vilma da Silva Jesus “Vilma Silva”, indicada pelo projeto Jovens Escolhas do MOC e anos depois com o jovem Renivaldo Ramos que passou a integrar o quadro de apresentadores. Atualmente o programa continua sendo apresentado pelos diretores “Zilda Oliveira”, João Sancho da Silva “Dãozinho da Aparecida” e Vilma Silva. O programa não possui patrocinadores, apenas apoiadores como a Cooperativa de Crédito Rural (ASCOOB) Sisal e a Ótica Ponto de Visão que colaboram uma ou duas vezes ao ano com prêmios para sorteio no programa, como forma de contribuir pela passagem de uma propaganda correspondente a cada colaborador, veiculada uma só vez em cada edição.

Ainda em 2005, foi garantida na reforma e aprovação estatutária a criação do Departamento de Comunicação do Sindicato, porém este nunca funcionou de acordo com as deliberações estatutárias informa a senhora Maria Zilda. Esse recorte caracteriza o desinteresse da maioria dos Sindicatos Rurais no Território do Sisal no âmbito da comunicação. Mesmo sendo considerados importantes dentro do regulamento organizacional, os departamentos de comunicação sindical, pouco funciona visto que às disposições financeiras para a contratação de um profissional da área de comunicação e à aquisição de outras de peças de comunicação, pouco são planejadas com valores específicos na previsão orçamentária das entidades.

Os elementos que constituem a grade do programa A Voz do Homem do Campo estão subdivididos em cinco quadros: 1) A mensagem do dia; Espaço de dois a quatro minutos dedicado para a leitura de uma mensagem ou texto de reflexão que lembrem: à vida cotidiana, o saber popular e a valorização da vida em comunidade. 2) Agenda do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS); Momento para divulgar a lista de nomes, endereço e horários de atendimento dos sindicalizados que encaminham processos previdenciários junto ao INSS. 3) Dica da semana; O quadro direciona dicas de técnicas agrícolas destinadas a orientar os agricultores na propriedade e dicas de culinária para aproveitamento das frutas de época. 4) Agenda da semana; dedicado a divulgação de assembleias, leituras de editais, avisos comunitários, agendas e eventos semanais do SINTRAF. 5). Os aniversariantes da semana. Espaço para lembrar os nomes dos ouvintes aniversariantes que enviam seus lembretes, por bilhetes, mensagens ou ligações.

Um das particularidades usadas para avaliar o nível de audiência do programa segundo Zilda é os sorteios de brindes oferecidos pelo Sindicato ou entidades parceiras como a Cooperativa de Crédito ASCOOB Sisal e a Ótica Ponto de Visão, seguidos sempre de uma

pergunta lançada na abertura da participação dos ouvintes para sorteio no final da edição do programa. Em média, são recebidas duas a três ligações por minuto. Um segundo indicador observado para falar da audiência é a verbalização dos ouvintes que afirmam escutar o programa todas às segundas feiras. Segundo os produtores, todas as edições são abertas à participação dos ouvintes. Neste sentido, a interação radiofônica não está restringida apenas ao momento em que há sorteios de prêmios, mas em outras situações a exemplo para tirar dúvidas sobre um determinado assunto. Maria Zilda pondera que antes de a ligação ir ao ar ou mesmo às participações ao vivo, sempre busca verificar se o assunto de quem está do outro lado da linha ou no estúdio está relacionada com pauta de interesse do público rural para que não seja perdido o sentido ao qual o programa se propõe.

“O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. (...) É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito” (Freire, 1983, p.67).

Para Freire lembra que a comunicação só é verdadeira quando ocorre uma reciprocidade sem interrupção entre os sujeitos no ato de pensar. Segundo a visão de Freire a comunicação rural deve ser dialógica entre quem produz orientação técnica e o agricultor para não criar sujeitos passivos, e, portanto, não elaborar informações persuasivas de forma que não permita a reciprocidade. Compreende-se, que na perspectiva da técnica de produção agrícola a comunicação radiofônica do SINTRAF não é “dialógica”, visto que essas produções são formalizadas e executadas no campo, mas poucas são transformadas em informativos radiofônicos.

Ao verificar os meios de produção dos informativos e noticiários que compõem a pauta do programa, os apresentadores deixam claro, que ainda não existe uma elaboração programada e roteirizada dos conteúdos veiculados. Os temas levados ao ar, em sua maioria, não são eleitos com antecedência, mesmo sendo as temáticas direcionadas ao campo. Nisto, consiste a reprodução de alguns temas a exemplo da Previdência para os Rurais e Organização Sindical, recomendada aos agricultores para incentivar o campo da sustentabilidade financeira.

O programa não tem um apresentador âncora, todos fazem o mesmo papel de informar ou de divulgar as notícias. O papel de repórter só é caracterizado no momento em que acontecem participações ao vivo. Neste contexto, um dos apresentadores conduz a entrevista. As músicas tocadas no programa são do estilo sertanejo de época, cantiga e samba de roda. O

BG (*Background*) ou plano de fundo do programa, é caracterizado pela música Antônio Conselheiro gravada pelo cantor Fábio Paes.

Baseado no contexto da democratização da informação o programa aderiu à participação de algumas entidades parceiras como a Cooperativa de Crédito Rural de Serrinha (ASCOOB SISAL), Central das Associações Comunitárias Rurais (CACRES) e do poder público a exemplo da Secretaria Municipal de Agricultura para a divulgação das informações de interesse dos agricultores.

Mediante esse contexto, avalia-se a perspectiva da Estética da Criação Verbal (Bakhtin 1992:290), quando ele declara que o ouvinte, ao receber e compreender uma significação linguística adota uma postura responsiva ativa: concorda, discorda, ou completa. Nesta perspectiva bakhtiniana de comunicação, a interação produzida, caracteriza-se como estruturalmente unilateral. Perante essa definição, conclui-se que o programa do SINTRAF, busca também a partir do seu discurso radiofônico, construir elementos de persuasão para defender a política de interesse da entidade desde a sustentabilidade financeira a representatividade política partidária. "O Sindicato possui ainda uma segunda ferramenta de comunicação, a Fanpage no Facebook denominada: "Sindicato dos Agricultores Familiares de Serrinha", contudo, às informações da página não alimenta diretamente o processo radiofônico".

### 3.3 A RÁDIO DIFUSORA/CONTINENTAL

Os registros a seguir foram coletados com a senhora Joseane, diretora de finanças da emissora que suscitou algumas informações através do atual diretor da emissora Sr. Manoelito Carneiro. Os dados aqui apresentados foram breves e sem profundidade nos dados, visto que a emissora e alguns de seus integrantes não possuem referências da fundação. Das duas pessoas indicadas para o fornecimento das informações, nenhuma se encontrava no município no período desta coleta.

A primeira emissora do município de Serrinha foi funda em 20 de julho de 1969 mediante o período da ditadura miliar. A Rádio Difusora como tantas outras tinha um cunho comercial e a programação era pautada para o entretenimento e as pautas políticas do grupo Carneiro.

A emissora desde os primórdios tem um perfil comercial e partidário, visto que seus sócios sempre estiveram envolvidos no campo da política partidária local e estadual. Por mais de 20 anos a emissora sustentou a audiência local sendo a primeira escola da maioria dos locutores da região. Ao longo dos anos, algumas mudanças foram realizadas segundo a Gerente Jackeline Santos, entre elas: a mudança na denominação da emissora de Difusora para Continental, além da reforma na estrutura física do local em que são guardados os transmissores, à aquisição de novos equipamentos, a mudança do local dos estúdios e a contratação de novos profissionais e comunicadores para suprir a grade de programação. Na época, também foi realizada uma pesquisa de opinião pública para a escolha do novo nome da rádio, a qual foi intitulada “Rádio Continental”, como slogan definido pela direção, “A rádio que você escolheu”, como uma campanha publicitária cujo objetivo era resgatar o prestígio e a audiência da emissora, assim alcançado em 23 de abril de 2004, quando foi inaugurada. A direção geral atualmente é do Dr. Plínio Carneiro a Silva. Em 23 de Abril de 2014, a emissora Continental comemorou seu aniversário de 10 anos no Bairro Vila de Fátima através de um evento social que buscou aproximar à Rádio da comunidade.

## 4 CAPITULO III – A PESQUISA SOBRE O PROGRAMA RADIOFÔNICO DO SINTRAF

### 4.1 A PESQUISA DE AUDIÊNCIA

O caminho de uma pesquisa desenvolve de alguma forma um esforço importante para compreender a adversidade que os resultados de uma investigação podem manifestar. Sendo o sujeito do lugar, é necessário desconstruir-se para não contaminar-se por opiniões próprias e de construções vazias. E aqui me vejo, não sei se desconstruída, mas buscando a imparcialidade para os registros que serão apresentados.

O rádio é o meio de comunicação mais presente nas residências da comunidade de Dois Irmãos. A localidade não dispõe de ferramentas de comunicação impressa, apenas a televisiva e a radiofônica. Centrado na maioria das vezes na cozinha, o rádio permanece ligado mais no período da manhã para escutar as informações policiais da região e alguns programas de entretenimento. Mediante essa recepção aludida ao rádio, apresentaremos aqui o resultado da pesquisa exploratória realizada entre os dias 12 de abril a 05 de maio de 2018 na comunidade supracitada, com o grupo focal constituído de 10 pessoas para verificação da produção de sentidos a partir da recepção do programa *A Voz do Homem do Campo*, paralelo ao pensamento de Martín-Barbero (2004) quando ele diz que: às mediações constitui o lugar em que se pode compreender a interação entre a produção e a recepção.

Achamo-nos em processo de construção de um novo modelo de análise que coloca a cultura como mediação, social e teórica, da comunicação com o popular, que faz do espaço cultural o eixo desde o qual encontrar dimensões inéditas do conflito e vislumbrar novos objetos a pesquisar (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.110).

A pesquisa realizada constitui um quadro de dados qualitativo, elaborado a partir da aplicação de 10 questionários com moradores da comunidade de Dois Irmãos dotada no modelo semiestruturado de perguntas abertas com repostas curtas. Segundo SANTOS (1991), a pesquisa exploratória é o contato inicial com o tema a ser analisado, com os sujeitos a serem investigados e com as fontes secundárias disponíveis.

Orozco-Gómez (2000), destaca que as interações entre as pessoas e as instituições, bem como, entre os sujeitos e os meios de comunicação, constituem uma importante categoria

para análise da produção de sentidos. Aderindo a perspectiva do autor, a referente pesquisa buscou compreender como são consumidas as informações veiculadas no Programa a Voz do Homem do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Serrinha.

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se a pesquisa exploratória, haja vista a necessidade de um aprofundamento teórico sobre essa temática. A faixa etária dos entrevistados é de 17 a 70 anos. No texto que segue, denominaremos nossos entrevistados pelo primeiro nome próprio. As pessoas convidadas para integrarem o grupo focal foram previamente informadas pessoalmente sobre o objetivo da pesquisa e do direito de confidencialidade no questionário abordado.

O questionário foi feito com o intuito de instigar a compreensão dos conteúdos abordados no programa a Voz do Homem do Campo, baseados em três eixos metodológico, propostos: 1) Contextos de escuta; 2) sentidos construídos na escuta; 3) mediações.

As perguntas foram abertas para as seguintes questões: Você já escutou o programa do Sintraf? **2.** Em sua opinião o horário do programa contribui para que você ouça, justifique. **3.** As informações divulgadas no programa te ajudam alguma forma? Se sim, como? **4.** Das informações divulgadas, quais te chamam mais à atenção? **5.** Como você avalia o nome do programa? Aqui se estabelece as seguintes considerações:

A comunidade de Dois Irmãos é caracterizada pela particularidade que a situa no mapa geográfico. Dois montes, faz jus ao nome ao qual é denominada “Dois Irmãos” (pé do morro), apelido dado por algumas pessoas de outras comunidades vizinhas. Sua produção é agrícola voltada para a produção de grãos e criação de pequenos animais para a subsistência familiar e comercialização na feira livre da cidade. A renda da maioria dos moradores está condicionada a aposentadoria rural, programa social como Bolsa Família e a produção de chapéu de palha. A escolaridade é considerada baixa, visto que a maioria cursou até no máximo a 5ª série. Dos entrevistados apenas um, possui pós-graduação. Como veremos a seguir na resposta das entrevistas a seguir.

**Entrevistada Gilmaria:** **1.** Já escutei, e sempre ouço... Escuto para ficar informada das novidades do Sindicato. **2.** Sim em minha opinião mudaria de horário, mudar pra às 12 horas, pois nessa hora a maioria vai está em casa ou parou para almoçar em qualquer lugar. **3.** Sim. Porque teve informação como a do Garantia-Safra que eu não estava sabendo e através do programa mim ajudou bastante. **4-** A agenda da semana. **5.** Seria melhor mudar, porque não é só o homem do campo que escuta o programa.

A ouvinte Gilmária, traz como proposta a mudança de horário do programa de 11:00 horas para às 12:00 horas. A proposição da ouvinte se relaciona com a rotina de trabalho da maioria das pessoas, inclusive dos habitantes da área rural, visto que esse momento é considerado pela maioria, como o horário nobre do rádio no meio rural. Nisto consiste o retorno principalmente da figura masculina dos afazeres da roça que dão início no amanhecer. Outro fator apontado é o não sentimento de representação através do nome do programa “deveria mudar o nome, não é só o homem que escuta”.

**Entrevistada Analice:** 1. Escuto, sim, gosto das informações que passam e por que fala a nossa linguagem. 2 – Sim, é o horário que estou fazendo almoço, aproveito e vou escutando. 3. Quando passam as receitas de pragas, as orientações sobre os riscos com relação aos aposentados (empréstimos sem eles saber). 4. As orientações para os sócios sobre previdência, só às vezes um repete o que o outro fala. 5. Não discordo do nome não. Em minha opinião deveria ampliar o horário, mais meia hora e falar mais sobre os agricultores, fazer entrevistas com eles divulgar as produções dos agricultores.

A ponderação de Analice sobre o horário de apresentação não comunga com a proposição anterior, observando que: Analice faz uma avaliação do horário como confortável no momento dos seus fazeres domésticos, otimizando o tempo entre as atividades cotidianas e as orientações oferecidas no programa. Nesta avaliação, a ouvinte deixa transparecer que escuta atenciosamente os conteúdos veiculados, trazendo como crítica, a repetição de falas dos apresentadores, propondo que seja atribuído no programa um espaço de participação do agricultor para apresentação de suas experiências produtivas.

**Entrevistada Maíza:** 1. Às eu vezes escuto toda segunda, às vezes não. 2. Não, por conta do trabalho, mas sempre dou jeitinho de escutar. 3. Sim, principalmente quando são informações que ajudam a gente a divulgar na associação. 4. Às orientações passadas pelo técnico do sindicato, às dicas de saúde quando passam. 5. O nome deveria falar da mulher e do homem, pois nós escutamos mais que eles.

Nesta avaliação é observado o esforço da mulher em conciliar o trabalho com os assuntos de interesse da comunidade, buscando entender, reunir e compartilhar os assuntos com os associados da entidade local. Sobressaí neste aspecto à importância dos quadros que

compõe o programa e a responsabilidade de mantê-los em todos os programas e não apenas de vez em quando como ficou suposto.

**Entrevistada Tereza:** **1.** Escuto pelo menos duas vezes no mês, não dá para ouvir toda segunda, por que sempre vou à cidade. Eu acho bom o programa, pois passam informações para o homem do campo. **2.** Eu escuto sempre que posso. **3.** Sim, as informações sobre a responsabilidade e as obrigações das associações rurais e quando falam da importância dela para os associados da comunidade, por que às vezes muita gente não acredita no que falamos, mas quando vocês falam, já ajuda muito. **4.** Às informações sobre previdência, a participação do secretário de agricultura também eu gosto, pois trazem notícias para nós da comunidade. **5.** O nome pode ser repensando para assim contemplar as mulheres também.

A opinião de Tereza pondera a responsabilidade do discurso radiofônico dos seus apresentadores a partir da caracterização da credibilidade que ao programa é oferecido. O que requer uma atenção particular para os todos os contextos produzidos e reproduzidos pelos seus idealizadores apresentadores.

**Entrevistado: Manoel:** **1.** Sim, é um programa com conteúdo voltado para os/as trabalhadores/as do campo e fala a linguagem do campo. **2.** O horário próximo ao meio dia é apropriado sim! **3.** Sim. Como exemplo, cito as informações relacionadas ao cadastro de programas sociais como o Seguro Safra. **4.** Acho interessante quando o programa trata e faz denúncias relacionadas às mazelas que o povo do campo enfrenta por omissão do poder público. **5.** Concordo, pois acredito que precisamos de instrumentos que faça ecoar a voz do povo do campo. Apenas sugiro a inclusão da Palavra mulher no nome do programa.

A opinião registrada por Manoel destaca a importância da inserção temas que venham a defender o direito e o acesso dos agricultores às políticas governamentais, assim como, a garantia de um espaço em que o agricultor apresente suas inquietações relacionadas às deficiências políticas governamentais. A definição da Comunicação Rural por Bordenave (1983, p. 7) propõe que está seja um conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existente entre os componentes do setor rural e os interessados no melhoramento da vida rural. Portanto, o programa do Sindicato, pode ser considerado um instrumento viável de representatividade do povo do campo, devendo atentar-se à inclusão efetiva dos rurais no espaço radiofônico da entidade.

**Entrevistado Messias:** **1.** De vez em quando sim. Minha mãe sempre coloca na rádio no horário, mas eu não escuto o tempo todo não. **2.** O horário é bom, perto da hora do rango, o povo está chegando da roça... Nessa hora também que o sol começa a esquentar... **3.** Olha... As vezes que ouvir, falava mais de aposentadoria, aquele projeto para a mulher...é.. Aquele auxílio maternidade, coisa assim. **4.** Eu lembro que um dia falou de um curso de padeiro, aí eu gostei. Dizia que era para os filhos dos sócios. **5.** Para mim o nome do programa está bom, muda nada não.

A opinião trazida pelo jovem Messias aponta um desinteresse pelos conteúdos veiculados no programa que o relacione com seus interesses pessoais e sociais. Neste aspecto, deverão ser observadas às seguintes questões: os conteúdos veiculados não contemplam a discussão da juventude e seus interesses; há uma dispersão social mediada pela audiência dada às redes sociais; as pautas não possuem roteiros, portanto, não condiciona à atenção do jovem.

**Entrevistada Ednéia:** **1.** Sim, escuto uma ou duas vezes no mês. **2.** Não, por que é o horário que vou buscar meus filhos na escola, só por isso. **3.** Todo assunto que é falado é do meu interesse, mas o que me deixa muito confusa é quando se trata de documento de terra. **4.** Todas as informações são importantes, só que as notícias deve começar a ser falada antes das 11:30hs, pois fica pouco tempo para explicar as coisas em 30 minutos. **5.** O nome do programa é bom... é legal.

As colocações da ouvinte apontam algumas avaliações a serem feitas pelos produtores/apresentadores. Entre elas, à atenção aos conteúdos explicativos sobre documentos da propriedade (terra) e o tempo de abordagem das notícias apresentadas no programa, para que elas sejam explicadas em sua totalidade, nisto consiste a priorização do horário inicial, visto que os minutos finais são dedicados a outros quadros.

**Entrevistada Nelza:** - **1.** Sim. **2.** Sim o horário é bom, pois é o mesmo horário que chego da rua. **3.** Sim, foi no programa que eu entendi sobre a DAP **4.** De todas. É bom também quando tem sorteio, mas eu nunca conseguir participar, é muita gente ligando... **5.** Só tá ruim por que só fala no homem (risos).

Nas ponderações feitas por Nelza é importante ressaltar a produção de sentidos vinculada ao sentimento da compressão dos conteúdos apresentados sobre a organização do agricultor para acesso às políticas públicas de crédito através da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).

**Entrevista Maria Vea:** - 1. Escuto todo santo dia, mas só manda alô, para uma Maria aí, num sei de onde (risos), tem que mandar um alô para nós também... 2. O horário tá bom. Aqui em casa quando chega nessa hora, mando logo botar na *rádica*. Meu neto diz: “*que coisa de vó com esse programa?!*” Eu digo logo, deixe aí que eu quero ouvir a cantiga de roda e o samba. 3. Para mim, tanto faz, eu não saio de casa. Óh, eu gosto muito do samba é bonita que só.... Quando passa me lembra quando eu era nova (risos) 4. Para mim todas são boas. 5. O nome é certo, mas é das muié, tammém...

A manifestação trazida por D. Maria Vea está associada à recepção dos conteúdos musicais que lembram sua infância e suas características culturais como a cantiga de roda e o samba. Eventos lúdicos realizados com ênfase na década de 70 que recria a sintonia e a interação entre o ouvinte e o programa *A Voz do Homem do Campo*, inclusive para os maiores de 60 anos que reelaboram suas memórias a partir das músicas tocadas. É observada a ausência de uma avaliação crítica na opinião de D. Maria, visto que há um grau de escolaridade baixo. O que justifica seu modo de falar.

**Entrevista Juliana:** 1. Só quando estou em casa, pois minha mãe coloca na rádio. 2. Não, porque eu estudo pela manhã 3. Olha, eu penso que ajuda muita gente. 4. Eu mesmo acho mais interessante as dicas do técnico para a plantação, isso vocês deveriam passar sempre, na época de inverno. 5. Não tenho nenhuma avaliação a fazer.

A sugestão apontada pela entrevistada sustenta à proposição da Comunicação Rural segundo apontada por (BRAGA; CARVALHO, 2001), quando é afirmado que: o contexto de extensionismo deve ser praticado e direcionado pelo técnico consciente de sua missão no meio rural. Na avaliação da ouvinte, o programa deveria divulgar dicas alternativas para os agricultores em especial no período do inverno.

Na conclusão deste objeto, verifica-se que o programa *A Voz do Homem do Campo* possui uma considerada audiência na comunidade de Dois Irmãos, condicionada à busca de informações sejam elas do Sindicato para o agricultor sindicalizado, sejam elas para os moradores da comunidade que não são sindicalizados. Mediante os resultados coletados através das entrevistas é possível concluir que às mediações que resultam na audiência do programa não estão associadas ao sorteio de brindes como propomos avaliar inicialmente, mas ao interesse das informações que tragam algum tipo de benefício para o ouvinte, seja no aspecto político social ou governamental.

A segunda percepção está atribuída à necessidade de reavaliar os conteúdos veiculados no programa. Neste contexto, inclui os elementos sugestivos: à produção de entrevistas com os agricultores para que sejam apresentados no programa os resultados de suas produções; a recondução do horário de divulgação das notícias para os trinta primeiros minutos de apresentação; a inovação das informações que venha a contemplar os debates de interesse dos jovens rurais; a divulgação de técnicas de extensão e produção agrícolas como as receitas e dicas para o desenvolvimento da propriedade; a ampliação do horário para apresentação em mais 30 minutos e por último a inclusão da palavra Mulher no nome do programa para contemplar a questão de gênero.

Sugestões técnicas: para que sejam permitidas novas oportunidades de interação e audiência radiofônica entre os receptores e os produtores, recomenda-se a elaboração do roteiro programático que inclua temas diversificados par cada edição do programa de acordo com as sugestões apontadas pelos ouvintes neste trabalho.

## 5 CONCLUSÃO

Ao avaliar a primeira intenção que objetivou a criação do programa A Voz do Homem do Campo e como são produzidos seus conteúdos até hoje, convém afirmar que o campo das mediações defendido por Martin Barbero é o caminho a subsidiar a reparação dos processos radiofônicos das organizações sociais a exemplo dos sindicatos.

A saber, a reestruturação das pautas atreladas aos interesses para a sustentabilidade financeira da entidade, os discursos forjados de organização social, atrelados à manutenção do poder gestados dentro das direções sindicais, o poder de persuasão com o sindicalizado caracterizado pela defesa do direito das políticas públicas de governo entre outros.

Neste contexto, cabem algumas reflexões a cerca da produção de sentidos dos receptores: Que tipo de comunicação está sendo produzida para os agricultores sindicalizados e não sindicalizados; como se dá o processo de construção dessa comunicação; as intenções conduzidas ao receptor; quais os resultados de quem recebe. Essas são indagações relacionadas a partir do escutar o indivíduo que recebe.

Mediante esse contexto que ressalta a importância do ouvir que recebe os conteúdos radiofônicos, trazemos como reflexão a expansão das novas tecnologias digitais nas quais várias entidades sindicais e seus respectivos diretores ainda não aderiram aos novos modelos de comunicação ou usam da dispersão para conter os gastos considerados inúteis quando relacionados à comunicação. E nessa dispersão se coloca a fragilidade de uma comunicação não efetiva em seus discursos.

Enfim, as experiências adquiridas nessa produção material e Unebiana reúnem desafios, desconstruções perceptivas, formação de novos olhares, novos saberes. São vários aspectos para rever o pouco do que é sentido na recepção radiofônica. É necessário compreender e adotar as ressignificações do mundo da comunicação contemporânea por meio das opiniões e da comunicação dialógica.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

BRAGA, G. M.; CARVALHO, Geraldo Bueno. 2001. **Análise da Relevância da Comunicação Rural** para os Cursos das Escolas de Comunicação Social do Vale do PARAÍBA – SP. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 2 maio. 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: GSEM, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação**: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2007.

FERRARETO: Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

NASCIMENTO, Edisvânio MOTA, João Garcia da (org). **Rádio Santa Luz FM: História e Práticas de ser tão Comunitário**, 2012.

FIGARO, Roseli. **A comunicação como campo de sentidos em disputa**. 1999. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt7\\_roseli\\_figaro.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt7_roseli_figaro.pdf). Acesso em: 20 abr. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Petrópolis: Paz e Terra, 2006.

INTERCOM/UnB. **Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

INTERCOM – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS. 17 a 19 de maio de 2010.

JAGUARIBE, Beatriz. **Paixões virtuais: corpo, presença e ausência**. In: VILLAÇA, Nízia; GOES, Fred; KOSOVSKI, Éster (Orgs.). *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

KOCHHANN L. **Nova Retórica e rádio informativo: estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CNB-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

LEMOS, André. **Espaços Públicos**. Intercom – RBCC São Paulo, v.35, n.1, p. 183-204, jan./jun. 2005 Disponível em: <http://www.redalyc.org/htm>. Acesso em: 3 mar. 2018.

LOPES, Maria I. V. de. (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2011.

MARTIR-BARBEIRO, Luiz C. **De qual comunicação estamos falando?** In: HOHLFELDT Antônio. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Perspectiva das Mediações no Estudo de Recepção da Telenovela**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba-PR, 2009.

MORAES, D. **O ativismo digital**. Biblioteca online de ciências da comunicação. 2001. Disponível em: Acesso em: 30 abr. 2018.

MONTEIRO, Vilbégina dos SANTOS. **Cartografando as Produções de Sentidos: recepção radiofônica do projeto político-identitário no território do sisal**. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, p. 73. 2011.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **A comunicacional contemporânea**. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Análises de recepção**. CIESPAL, 2000.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PERUZZO, Cicília M.K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Brasília-DF de 6 a 9 de setembro de 2013. Disponível em: <<http://unesav.com.br>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferenças. Artigo apresentado II Colóquio Binacional Brasil México de Ciências da Comunicação, em abril de 2004. Disponível em: <http://www.espm.br/> Acesso em: 12 abr. 2018.

MEDEIROS, L. S. **Sindicalismo no campo**. Cadernos do Cedi: Rio de Janeiro, n.20, p.5-10, jan., 1990.

WANDERLEY, Luiz E. **Apontamentos sobre educação popular**. In: VALLE, J. Edênio; QUEIROZ, J.J. (Orgs.) A cultura do povo. São Paulo: Cortez, 1979. p.58-79

PIMENTEL, Fábio Prado. **O rádio educativo no Brasil**, uma visão histórica. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 1999.

SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para mídia digital**: internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SANTAELLA, L. **Cultura das Mídias**. 3. ed. São Paulo: Experimento, 2001.

Revista. Ibero Americana: Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação da Ciência da Cultura de 10 de setembro de 2007. Acesso em: 02 de maio de 2018, 2007.

PRIMO, Alex RECUERO. O aspecto relacional das interações na Web 2.0 1. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agosto de 2007.

RÜDIGER, F. **Civilização e barbárie na crítica da cultura contemporânea**. Porto Alegre: Editora da Pucrs, 2002.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BAKHTIN, M & V. N. Volochinov. (1990). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec.

Clipping, rádios comunitárias querem mais potência para ampliar diversidade na comunicação. Disponível em <http://www.fncc.org.br>. Acesso em 20 de maio de 2018

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA REALIZADA COM OS MORADORES DA COMUNIDADE DE DOIS IRMÃOS – SERRINHA - BA

- 1) Você já escutou o programa do Sintraf?
- 2) Em sua opinião o horário do programa contribui para que você ouça, justifique.
- 3) As informações divulgadas no programa te ajudam alguma forma? Se sim, como?
- 4) Das informações divulgadas, quais te chamam mais à atenção?
- 5) Como você avalia o nome do programa? Aqui se estabelece as seguintes considerações: